

Desigualdade entranhada n'alma

EM DEZEMBRO de 2013, um grupo de jovens da periferia São Paulo, ao perceber que o mundo virtual não basta para o florescimento de amizades, decidiu programar um rolezinho em um dos *shopping centers* da cidade para conhecer seus 15 mil seguidores das redes sociais. Relativizavam, com essa proposta, os estudos que davam por findo o contato físico como parte das relações de sociabilidade, fazendo-nos perceber que as redes sociais trazem novos modos de ação coletiva, de questionamento e de adesão que se somam a práticas já conhecidas.

Os inúmeros rolezinhos que a partir de então se espalharam pelas cidades e a reação a essas manifestações coletivas de jovens nos mostram o quão profunda é nossa desigualdade social, colocando-nos diante de um universo claramente dividido entre os estabelecidos e os *outsiders* – configuração reveladora de toda relação de poder.

Estabelecidos e *outsiders* que se definem na relação que as nega e que as constituem como identidades sociais. Indivíduos e grupos ao mesmo tempo separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência e de poder, diriam Norbert Elias e John Scotson.

Os estabelecidos se reconhecem e amide são reconhecidos como os membros da "boa sociedade". São os bem-vindos frequentadores e consumidores dos *shoppings centers*; os supostos guardiões do bom gosto e das boas maneiras que encarnam os valores elitistas da distinção. Eles, quando entrevistados pela mídia, descartaram toda e qualquer possibilidade de diálogo e sugeriram a proibição de acesso por parte dos jovens que participam dos rolezinhos e de seus aliados a essas "Catedrais das mercadorias" como diria Valquíria Padilha, socióloga. Exigiram a intervenção policial como única garantia de proteção, de tranquilidade e de segurança.

De outro lado, os jovens da periferia das cidades: considerados os "não membros", os "não clientes", os "indesejados", aqueles que se encontram "fora da boa sociedade". Recorrentemente estigmatizados por atributos característi-

Uma desigualdade que desvela e anuncia de alto e bom som o imenso descaso das elites, das autoridades e de parte da sociedade para com essa juventude que ora mostra a sua cara

cos de uma situação de anomia: os sem identidade, os sem educação, os sem distinção. Chamados pela mídia como gente marginal e arruaceira.

Jovens que procuraram quebrar a barreira da invisibilidade e vão aos *shoppings* – espaço dos estabelecidos – pelos mais diferentes motivos: por ser "o lugar de muita mulher bonita"; porque "se sentem bem ali"; "para paquerar"; "para verem e serem vistos"; "porque o *shopping* é a praia dos paulistas"; para "comprar roupa de marca" ou porque na comunidade "não tem praça, nem lazer".

Desigualdade, veiculada pelas autoridades instituídas ou difundida pela mídia e analistas de plantão, regida pela lógica da exclusão que se revela das mais diferentes falas, modos e meios.

Desigualdade, sinônimo de humilhação, indicando uma escala de valores na qual as relações baseadas na reciprocidade e reconhecimento do outro se encontram profundamente desvalorizadas.

Desigualdade que se nutre de intollerância e de preconceitos os mais diversos. Alimenta-se e alimenta o medo diante de manifestações coletivas que fogem aos cânones socialmente estabelecidos. Que segrega, não dialoga, sen-

te-se ameaçada, ameaça e proíbe toda e qualquer manifestação que possa ir de encontro às regras nem sempre claras e sempre autoritariamente estabelecidas. Que dilacera o cotidiano desses jovens porque não os reconhece e os ignora. Que associa a riqueza de uns à privação de outros. Que pressupõe a objetivação, a "desvalorização do mundo humano e a valorização do mundo das coisas" como bem afirma Marx em *Os Manuscritos* de 1844.

Desigualdade unicamente preocupada com a possibilidade de adesão dos "indesejados" sem terra, sem teto, sem direitos ou de apoio dos temidos *black blocs*. Inquieta diante da perspectiva de retorno do "clamor das ruas" em tempos de Copa e de eleições; temerosa pela possibilidade da violência, da "politição" e da reivindicação por direitos os mais elementares.

Desigualdade como imposição sobre quais lugares, públicos ou privados, é permitido correr, cantar, gritar, fazer algazarra, zoar, mostrar-se aos outros. Que estabelece aos jovens e às gentes das comunidades mais pobres qual espaço é permitido viver e prescreve a invisibilidade de todos. Alimentada por constrangimentos, humilhações, boletins de ocorrência, revistas, racismo, hostilidades.

Desigualdade que reforça os componentes ideológicos do domínio; reafirma o peso das distinções; estabelece condições, posições e subalternidades; ignora manifestações que nascem das necessidades desses jovens. Que atesta o quão insuficiente e frágil é o processo de distribuição de renda advindo de políticas públicas num país, segundo Florestan Fernandes, regido por castas sociais.

Enfim, uma desigualdade que desvela e anuncia de alto e bom som o imenso descaso das elites, das autoridades e de parte da sociedade para com essa juventude que ora mostra a sua cara.

Regina Angela Landim Bruno é professora associada I do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.